



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

GÍRIA SOCIOEDUCATIVA: RECURSO LINGUÍSTICO UTILIZADO PELOS ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDA DE INTERNAÇÃO SOCIOEDUCATIVA.

Fernando Miranda Arraz¹

RESUMO: O referido artigo tem como base o anteprojeto apresentado para ingresso e aprovação no Doutorado em Letras: linguística e língua portuguesa da PUC/MG, no qual foi apresentado como uma das variedades presentes no léxico português, que é a gíria, falada em especial por um grupo socialmente delimitado, que neste caso são os adolescentes que estão em privação de liberdade. As gírias são consideradas herméticas, logo difíceis de serem compreendidas por aqueles que não estão inseridos no grupo, sendo realmente uma forma de proteção e identificação dos membros. O interesse por este tema vai além de tornar conhecida a linguagem dos privados de liberdade, mas sim em tratar a gíria como fonte criativa e significativa por parte de seus usuários, que como falantes intuitivos do português e atuantes no processo comunicativo, são capazes de originar formas léxicas previstas pelo nosso sistema linguístico. O estudo busca a partir do início de uma análise realizada com um corpus léxico (um conjunto de palavras e expressões utilizadas por indivíduos na condição de internos), mostrar de que forma, adolescentes acautelados criam gírias, sem conhecimento dos recursos linguísticos. Espera-se que este estudo facilite a prática de diversos profissionais que convivem com esses adolescentes, buscando uma melhor compreensão da temática e permitindo nortear pesquisas futuras, contribuindo como uma ferramenta versátil para o desenvolvimento do processo de comunicação verbal.

Palavras-chave: Gíria; Léxico; Adolescentes; Privados de liberdade.

Introdução

Desde os primórdios o homem sente a necessidade de conviver em grupo, sendo esta uma característica intrínseca ao ser humano. Encontramos diferentes grupos, formados por pessoas com características comuns, dentre eles o grupo que vive à margem das leis que regem a vida em sociedade.

¹ **Doutorando** em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC/MG- pesquisando sobre gíria socioeducativa; **Especialista** em Gestão escolar, Psicopedagogia, Tutoria em EaD, Orientação educacional, Educação especial e Neuropsicopedagogia. E-mail: fernandomarraz@gmail.com

a maioria das relações entre um indivíduo e outro e entre esses indivíduos e a sociedade. É também por meio da língua que revelamos nossa cultura, nossos valores e crenças e a nossa visão de mundo.

Esse estudo visa abordar em específico os jovens que estão em cumprimento de medida de internação socioeducativa, considerados autor de ato infracional conforme disposto na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 103, aplicadas mediante determinação legal pelo Juiz da Infância e da Juventude. As medidas socioeducativas devem garantir ao adolescente autor de ato infracional ou de conduta descrita em lei como crime ou contravenção penal, o acesso às situações que possam contribuir na superação de sua condição de excluído e, sobretudo, na constituição das condições para a participação na vida social. Vale ressaltar que essas medidas possuem caráter pedagógico com foco na ressocialização desses adolescentes e/ou jovens.

Segundo Preti (2004) é através da língua que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, portanto, realidades diferentes vividas por grupos sociais diferentes darão origem a diversas formas de manifestações linguísticas. A língua se apresenta como um fator de grande importância na identificação de um povo, pelo poder de expressar a realidade da comunidade que a utiliza, conglomerando a cultura, informando e transmitindo-a.

A história da linguagem revela que o ato comunicativo entre as pessoas acontece mediante o uso de uma língua. Sabe-se que a língua é um traço linguístico da identidade de cada falante que está inserido em um contexto social, econômico e cultural. Assim, vendo que a língua é rica, mutável e variável, surge a gíria, fenômeno que nasce da linguagem restrita de determinado grupo social. (PRETI, 2000, p.42).

A linguagem é a melhor e mais eficaz forma de interação humana, pois conseguimos comunicar nossas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionais. Como produção simbólica, a linguagem é o mais elaborado sistema de signos presente na cultura humana e por meio dela é possível organizar o pensamento e entender as informações.

Segundo Preti (2004) no caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de gíria de grupo ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade.

A linguagem utilizada pelos adolescentes autores de atos infracionais é considerada um tanto

singular, pois quem não a domina não compreende o conteúdo das mensagens propagadas, gerando constrangimentos e desconfortos entre outros adolescentes, educadores e sociedade.

Os membros de um determinado grupo fechado buscam na linguagem uma forma de impor diferenças entre o seu meio social e os demais meios da comunidade mais ampla, como um mecanismo de defesa, atitude própria de grupos essencialmente ligados à marginalidade, ao tóxico, entre outros. A tendência ao isolamento desses grupos provoca a adoção de uma linguagem especial, particularmente no plano do léxico, visto que o repertório vocabular, enquanto condição essencial da manutenção de uma comunidade, subsiste a partir de um fenômeno cíclico de manifestação e supressão de vocábulos. (PRETI, 1984, p.12)

Embora a linguagem seja vista como um meio de comunicação entre as pessoas, visando à clareza para uma melhor compreensão, no contexto estudado, isto é, no Sistema Socioeducativo, os usuários da linguagem buscam a comunicação apenas com as pessoas do seu grupo. Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria, portanto, é uma forma de expressão cultural, manifestada linguisticamente.

Os motivos que justificam a realização e investigação da presente pesquisa perpassam por duas esferas: contexto acadêmico e pessoal. Em relação ao viés acadêmico, além de representar um material de estudo importante para as pesquisas sobre linguagens, a opção por estudar a temática, justifica-se, também, por se tratar de um assunto pouco estudado no campo da linguística atual e principalmente pela ausência de material aprofundado sobre o uso e reconhecimento de gírias provenientes de um ambiente socioeducativo, de forma que ocorra uma contribuição científica. No que diz respeito a esfera pessoal, o interesse por esta pesquisa emerge de minha experiência no campo profissional e atuação direta com adolescentes que cumprem medida de internação socioeducativa, no qual exerço a função de pedagogo, sendo responsável por toda a área educacional da unidade, com isso este estudo tem como justificativa plausível através da observação da força de uma linguagem específica, a gíria, dentro do ambiente socioeducativo.

O interesse pelo tema gíria nesta pesquisa vai além de tornar conhecida a linguagem de privados de liberdade, mas sim em tratar a gíria como fonte criativa e significativa por parte de seus usuários, que, como falantes intuitivos do português e atuantes no processo comunicativo, são

capazes de originar formas léxicas previstas pelo nosso sistema linguístico.

O conhecimento mais aprofundado dessa gíria poderá contribuir também para a melhoria da comunicação com o grupo, minimizando possíveis situações constrangedoras ou de conflito no convívio com os adolescentes em questão, mesmo que seja apenas ouvindo-os, já que a maneira como esses jovens falam ultrapassa um simples ato comunicativo, pois, além de favorecer as relações entre si e os outros, demonstra a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo.

A gíria

A gíria é uma linguagem de caráter popular, criada e usada por determinados grupos sociais ou profissionais, sendo criadas para substituir termos ou conceitos oficiais usados tradicionalmente. Sendo assim, a gíria é um fenômeno de linguagem especial que consiste no uso de uma palavra não convencional para designar outras palavras da língua formal. Pode ser empregada no intuito de fazer uma espécie de segredo, humor ou distinguir os grupos dos demais.

Ao que se sabe, a gíria é oriunda de linguagens especiais, características das classes de malfeitores. Textos do século XIII apontam alguns traços linguísticos secretos, mas apenas na segunda metade do século XV que a torna numerosa identificando o sujeito que a fala. As classes que mais usavam a gíria eram de mendigos, ladrões, assassinos. Cumpre ressaltar que apenas no século XV as classes de malfeitores foram organizando grupos fora da sociedade e, conseqüentemente a isso, viviam em constantes conflitos com ela. Estes grupos eram formados por camponeses que, em estado de miséria, tornaram-se salteadores, soldados desertores ou saqueadores, criminosos foragidos, preguiçosos, charlatões, saltimbancos, dentre outros, com necessidades exclusivas de se comunicar por meio de códigos indecifráveis, na tentativa de não serem entendidos por indivíduos de outras classes. (CABELLO, 2002)

Com a introdução dos estudiosos da linguística no Brasil, a gíria passou a ser analisada, aqui a partir da década de 70, em uma perspectiva descritiva e não normativa como faziam os poucos gramáticos que se dispunha maltratá-la. Quem mais se destaca, nesse estudo, é o professor Dino Preti, que com sua equipe de estudo, contribuiu muito para quebrar o sentido pejorativo em que cercava o vocabulário da gíria, até poucos anos.

Na verdade são poucos estudiosos que dispõem sobre esse tema e embasam o estudo, porém com base nas análises mais recentes da Linguística, os trabalhos que tratam precisamente do

tema em questão, são especialmente os de Preti, no qual é considerado um dos precursores do estudo da gíria no Brasil: “A gíria e outros temas” (1984); “A gíria na língua falada e na escrita: uma história de preconceito social” (2000); “O Vocabulário oral popular: a gíria (2004); “O léxico na linguagem popular: a gíria (2007); sendo assim, o autor além de dar uma definição apropriada ao termo gíria, a subdivide e a analisa de acordo com seus grupos de falantes. Outro autor importante e atuante da área sociolinguística é Bagno (2005) com a obra “Preconceito linguístico: o que é, como se faz; no qual aborda a luta contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

Pode-se notar, neste contexto, que a gíria originou-se de grupos marginalizados, que, diante de situações caóticas como a miséria e a exclusão social, foram formando lugarejos, e com eles a língua restrita também foi se consolidando. A gíria está presente nos diversos setores da sociedade, no qual as camadas sociais menos favorecidas são as que usam com maior frequência, pois são os recursos de linguagem disponíveis e que tiveram acesso. Entre os falantes da gíria os menos escolarizados destacam-se de todos os grupos sociais, pois usam a gíria com maior intensidade.

Estudiosos da gíria apontam algumas razões específicas pelo qual as pessoas utilizam a linguagem informal, sendo que os fatores que se destacam para o processo de difusão da gíria são: urbanização forçada e controlada, desequilíbrios econômicos e sociais, baixa escolarização, exclusão social e massificação dos veículos de comunicação.

O linguista Bagno (2005) aponta o fato da forma preconceituosa com que a língua é tratada na escola e na sociedade, trazendo uma série de discussões sobre as implicações sociais da língua, relatando que a gíria sempre foi cercada por preconceito linguístico, recorrente de um problema mais amplo, o preconceito social.

Ao que se sabe, a gíria refere-se a atividades marginais, de baixo prestígio, ignorada pela norma culta, no entanto, tida por seus falantes como mecanismo de defesa.

A gíria, signo de grupo restrito, além de marcada pelo estigma de origem, conduz a uma leitura do mundo específica do falante. Muitas vezes ela chega a estampar a miséria, a insegurança, a humilhação, a revolta contida, a insatisfação, o medo, a opressão, a rebeldia, o desprezo, a mágoa pelas injustiças sociais, enfim, um conflito de contrariedades, verdadeiro mecanismo social de defesa e também de agressão. (CABELLO, 2002, p. 178)

Para Cabello (2002), a gíria caracteriza-se por se manter intencionalmente secreta, sendo

ininteligível aos profanos e funcionando como arma de defesa contra os demais elementos da sociedade. Embora essas linguagens estejam circunscritas exclusivamente ao campo lexical, estão ligadas a alguns tipos de variações socioculturais de linguagem e são empregadas para caracterizar a expressão de modos peculiares de pensar e de agir ou para nomear atividades específicas, servindo para uma comunicação mais enfática e, de acordo com as circunstâncias sociais.

A gíria passa a ser parte integrante dos grupos que têm que se defender constantemente, adquirindo, portanto, condição de signo de grupo, identificador, e elemento de defesa e proteção. O autor Dino Preti menciona que:

E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros de um pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação. (PRETI, 1984, p.3)

A gíria é uma manifestação linguística observada, principalmente, na oralidade. Por ser considerada uma forma de agressão, é um fenômeno utilizado comumente por grupos sociais menos privilegiados ou por grupos totalmente excluídos da sociedade.

A gíria como uma linguagem própria de um grupo social, uma linguagem que serve para identificar esse grupo, representá-lo, caracterizá-lo, de forma a diferenciá-lo de outros. Embora seja costume associar a gíria à linguagem vulgar, talvez pelo seu uso abusivo, repetitivo, às vezes em situações de interação em que não é desejada, na verdade, constitui um importante recurso expressivo e de comunicação (PRETI, 2007).

Segundo Preti (2007) a gíria não pode ser representada nem definido da mesma maneira em todas as línguas, ele pode ser estudado sob dois aspectos: a) signo de grupo - vocabulário típico de grupos restritos; e b) a gíria comum - quando já ocorreu a vulgarização do fenômeno e este se torna popular. Esta pesquisa aborda essencialmente o primeiro aspecto.

A gíria de grupo é aquela que é usada por grupos sociais fechados e restritos, que têm comportamento diferenciado. Possui caráter criptográfico, ou seja, é uma linguagem codificada de tal forma que não é entendida por aqueles que não pertencem ao grupo. Ao usar a gíria os falantes sentem-se

mais importantes, e até mesmo superiores, isto serve como um diferencial do grupo contribuindo para o processo de autoafirmação do indivíduo. Expressa a oposição aos valores tradicionais da sociedade e preserva a segurança do grupo, pois em determinadas situações a comunicação não existe com aqueles que não pertencem a ele. Quando o significado das gírias sai do âmbito do grupo, novos termos são criados para que se mantenha seu caráter criptográfico, por isto trata-se de algo efêmero, em constante renovação.

Segundo Preti (2007) a gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos.

O vocabulário desse grupo é tão diferente que, aos ouvidos de pessoas não iniciadas, pode parecer se tratar de outro idioma, uma segunda língua, uma vez que o grupo cria novas palavras a partir do vocabulário comum, por meio da deformação de significantes, mudanças de categorias gramaticais e da criação de metáforas, metonímias e eufemismos reveladores da visão de mundo do grupo marginal. (PRETI, 2004).

O vocabulário gírio surge a partir do momento em que determinados grupos se isolam da sociedade como forma de reação à padronização sociocultural imposta pela ideologia da classe dominante e adotam uma linguagem especial, opondo-se ao uso comum. Esse comportamento linguístico é, na verdade, reflexo do comportamento social do grupo, o qual não aceita, ou não consegue seguir, os padrões estabelecidos pela sociedade e busca originalidade por meio da linguagem, criando, assim, um vocabulário de uso restrito. Preti (1984, p. 4) diz que a gíria é uma forma do pequeno grupo se opor à grande comunidade, pois “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.”

Gíria dos privados de liberdade

A partir do momento em que o adolescente e/ou jovem ingressa em uma instituição de internação ele tem a perda do seu eu, ao se deparar com normas e situações que antes fazia individualmente. E ainda em seu alojamento, é submetido a uma série de perguntas feitas por seus companheiros para decidirem se ele pode ou não fazer parte do grupo.

Ao pertencer a um grupo como este, deve-se aceitar as determinações sem questioná-las, pois no grupo seus membros defendem o interesse coletivo, sendo postos em segundo plano seus interesses individuais, e, por vezes negado. Vale ressaltar que esse grupo possui regras, imposições conhecidas por todos os internos, e, conseqüentemente, poderá ter influência negativa, devido seus membros estarem afastados da família e ficarem mais vulneráveis à influência dos líderes, ou seja, os internos mais velhos da unidade.

A linguagem gíria é o mecanismo de comunicação utilizada por estes adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa, em que, por meio dela, conseguem se expressar e exprimir suas vontades e seus anseios. A partir dessa língua própria e particular, esses adolescentes constroem laços sociais e lidam com o mal-estar contemporâneo, com o fenômeno da desresponsabilização e conseguem, de alguma maneira, encontrar um lugar no meio social, endereçando seu sofrimento pela via do simbólico.

Devido ao conflito que se estabelece com a sociedade, e conseqüentemente, por necessidade de defender-se de pessoas que estão a sua volta, os jovens que estão em cumprimento de medida socioeducativa, precisam elaborar um código de comunicação que impeça indivíduos não iniciados de entendê-lo enquanto conversa, possibilitando assim a estabilidade do grupo.

A gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns. Nesse sentido, partimos da ideia de que a gíria é um rico artifício linguístico e que algumas dessas palavras utilizadas pelo sujeito-privado de liberdade, vão muito mais que uma forma diferente de falar, sendo uma manifestação de libertação, em meio a um ambiente cheio de regras e limitações.

Em razão de sua natureza hermética, a gíria, na maioria das vezes, é considerada uma variante linguística de baixo prestígio social, renegada as classes pouco instruídas. A cultura e a tradição são responsáveis pela manutenção dos padrões linguísticos aceitos pela sociedade.

A gíria transmite e mantém os valores, conhecimentos e a realidade do grupo com uma forte tendência à concretização do abstrato. Além disso, no ambiente social, empresta um forte traço de denúncia e insatisfação com as diferenças (...) uma vez que vai contra as regras da língua falada pela sociedade, e como protesto contra as demais regras desta mesma sociedade. É a forma encontrada para sair do anonimato, para serem diferentes de alguma forma. (REMENCHE, 2013, p.21)

Segundo Silva (2008), é importante mencionar que mesmo sem saber denominar tal recurso linguístico utilizado, o adolescente privado de liberdade, cria a gíria com base nas regras de formação de palavras decorrentes do nosso sistema linguístico e, mais especificamente, compõe gírias cujos campos lexicais fazem referência ao universo socioeducativo.

A linguagem criada nos centros socioeducativos é dinâmica e metafórica em sua essência, trazendo, muitas vezes, à tona o comportamento social dos adolescentes e/ou jovem que compõem esse ambiente, através das formas estranhas e pejorativas. A gíria não é uma linguagem independente, mas uma forma parasitária da língua, da qual utiliza a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico, ou seja, os processos de criação da gíria são os mesmos da língua comum.

Por meio do estudo gírio, compreende-se a visão de mundo de seus falantes, pois a linguagem é uma maneira eficaz do indivíduo tornar evidente o estilo de vida específico. Apesar das dificuldades que os internos encontram em seu cotidiano constatamos que eles possuem uma visão irônica do mundo que os cerca e, principalmente, uma visão distorcida deles. (OLIVEIRA, 2006).

Na sua origem, os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. Nesse processo de designação subjetiva, os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo.

Por intermédio do vocabulário gírio, os internos mantêm a unidade do grupo e tentam burlar a vigilância dos responsáveis por sua internação. Ao empregar a gíria, os internos utilizam uma das poucas armas de defesa que possuem na instituição e, por isso, tentam manter em segredo o significado desse vocabulário. (OLIVEIRA, 2006, p.103)

O vocabulário gírio, diante da dinâmica social e estrutural da língua, pode representar a máxima

da relação indivíduo e corpo coletivo, pois é conhecida como linguagem hermética de grupos peculiares e como instrumento de exclusão e segregação, os quais a utilizam como construto simbólico do pertencimento e identidade. Além da agressão aos costumes do grupo social maior, institucionalizado, esse comportamento revela uma necessidade de autoafirmação. A constante busca de identidade, de forma agressiva ou não, está marcada na linguagem dos acautelados em uma unidade socioeducativa de internação, por um léxico peculiar que contrasta com o uso da comunidade externa.

A constituição de um vocabulário gírio, embora possa parecer senso-comum, está longe de ser uma tarefa simples e trivial. Deve haver uma grande preocupação com a representatividade do corpus e com o estabelecimento de critérios claros, além do conhecimento e o respeito às normas e padrões estabelecidos pelos estudos dos léxicos.

A intenção da pesquisa é retirar das análises que serão coletadas no corpus gírio, a ideia de que essas unidades lexicais podem criar um contexto novo, um ambiente livre das coações e das normas decorridas do ambiente socioeducativo, ressaltando que a partir deste ambiente inovador pode-se alcançar a almejada liberdade do acautelado de uma forma simbólica. Esse universo significativo promovido pelo conjunto das gírias passa a ser de extrema importância para a adaptação do acautelado, uma vez que o adolescente que se encontra em cumprimento de internação passa a se adaptar e a conviver mais facilmente com a sua rotina por meio de um outro viés que não o trazido pelos valores e regras institucionais de segurança.

Neste sentido a referida pesquisa, vem trazer à tona a linguagem do adolescente privado de liberdade que vem ao encontro desta referida demanda, pois é uma compreensão de um mundo particular e com reflexão de um modo simbólico de sua fala, especialmente por suas gírias, expressão singular daqueles que, apartados de nosso cotidiano conseguem reconstruir uma nova dinâmica em suas palavras com representação de exclusão, da marginalidade, de manifestações contra ações opressoras e atos de imposição. É importante averiguar como o conflito de um grupo minoritário com a comunidade maior em que está inserido gera a necessidade da criação de uma linguagem específica que proporcione não só identificação própria, mas também a autodefesa.

Uma breve análise de dados:

Um das características inerentes ao vocabulário gírio é a tematização em torno dos grandes problemas do ser humano e das preocupações em relação ao cotidiano da sociedade moderna. A gíria dos privados de liberdade em um ambiente socioeducativo, no qual irei intitular como “gíria socioeducativa”, confirma as tendências temáticas que preponderam nesse vocabulário. Os dados linguísticos oferecidos pelo corpus conduzem aos conceitos-eixo que formam campos semânticos concretos, por meio de uma rede de constelações sinonímicas relacionadas a tais temas.

Este artigo é o início de uma pesquisa de Doutorado, sendo assim irei citar alguns exemplos de gírias coletadas e seus respectivos significados. Vale ressaltar que as respectivas gírias foram coletadas em atendimentos técnicos com os referidos jovens acautelados, pois já completaram 18 anos dentro da unidade ou já foram apreendidos com 18 anos ou mais, porém o ato infracional foi na ainda menor de idade. Optou-se por este método, uma vez que o técnico é considerado um servidor do ambiente socioeducativo, evitando assim a resistência e desconfiança dos jovens acautelados, pois com pessoas conhecidas eles se sentem mais à vontade e dispostos a um melhor diálogo.

O grupo social investigado exerce uma grande influência na vida de cada indivíduo nele inserido. A atitude individual é, em geral, moldada, de modo a adaptar-se às atitudes socialmente aceitas pelo grupo. Assim, as normas e as regras criadas pelo grupo devem ser conhecidas e seguidas à risca pelos seus membros, sob pena de o transgressor ser preterido, criticado, ridicularizado ou até gravemente hostilizado pelos demais. Algumas dessas normas dizem respeito a uma espécie de “moral” estabelecida pelo grupo, como o respeito aos familiares, aos visitantes e aos internos que estão há mais tempo na unidade.

Foram selecionados os principais vocábulos coletados pelos informantes durante este início de pesquisa em conversas informais com os jovens acautelados, e no qual serão destacados os principais diante das respostas dos selecionados:

GÍRIAS	SIGNIFICADOS
155 (um cinco cinco)	furto
157 (um cinco sete)	roubo à mão armada
171 (um sete um)	estelionato
areia nos olhos	enganar

azul	esperto
badalo	órgão genital masculino
beca	calça
barraco ou gaiola	alojamento/ dormitório
blindada	marmitex
boi	vaso sanitário
cão	ânus
cabuloso	estranho; diferente; esquisito
carne de monstro	carne com muito nervo e gordura
cachorro	nádegas
castelar	masturbar
catatau	carta ou bilhete
cavalo doido	fuga
cheroso	sabonete
chucho	objeto artesanal usado como arma pelos internos
conde	transferência
churros	fezes
corre	tentar conseguir o que quer
coruja	cueca
coxinha ou gambé	policial
crocodilo	não confiável
dentária	escovar os dentes
descalço	desarmado
duzentão ou jack	estuprador
Fita	roubo; furto
franga	medroso
gancha	bermuda; shorts
graxa	manteiga servida no pão
grude	comida
jega	cama
larica	vontade de comer
marrocos	pão
pestana	cochilo
pipa	bilhete
pisante	tênis
praia	chão do alojamento
rato	interno que furta do outro
remo	colher
seguro	ameaçado
tia	corda improvisada
ventana	janela
zoiuda	televisão

É perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais vivenciadas pelo grupo investigado e a linguagem por ele utilizada, ou seja, é perceptível que as escolhas lexicais, no caso, a predileção pelo uso da gíria (e, em especial, de algumas gírias) não é algo gratuito, mas, de fato, demonstra a compreensão do valor que o uso adequado dessa variedade assume no interior do grupo.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo. Isso fica evidenciado, sobretudo quando um novo adolescente, pela primeira vez, passa a ser interno da unidade. Essa orientação só vem confirmar o grau de importância da linguagem gíria dentro de uma Unidade socioeducativa, no qual uma das principais razões dessa valorização se deve ao estabelecimento de regras e de tabus linguísticos por seus membros que, se não forem respeitados por qualquer razão, poderão gerar sanções, que podem variar, desde uma simples gozação ou ironia, agressões físicas e até mesmo a uma rebelião.

Neste sentido, a seleção de palavras está ligada ao esquema de imagens, sendo elas a forma central da estrutura conceitual conforme os pressupostos da semântica cognitiva. E, de acordo com a teoria, a partir da experiência física de ser e de agir no mundo, os falantes formam estruturas conceituais básicas com as quais organizam o pensamento sobre outros domínios. Sendo assim, é importante é imprescindível uma pesquisa aprofundada sobre as gírias socioeducativa dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas.

Considerações finais:

A referida pesquisa ainda está no seu princípio, mas já se percebe como as gírias coletadas buscam no léxico da língua muitas de suas referências, buscando no cotidiano dos acautelados elementos que reflitam sua realidade. Espera-se que este estudo facilite a prática de diversos profissionais que convivem com esses adolescentes, procurando uma melhor compreensão do tema em estudo. Essa análise permitirá nortear pesquisas futuras contribuindo como uma ferramenta versátil para o desenvolvimento do processo de comunicação verbal.

Ao problematizar a questão da gíria, é perceptível relatar que ela não é uma linguagem apenas das camadas marginalizadas da sociedade, embora a gíria tenha o seu berço nesta camada social, ela transcende esse grupo de pessoas, porém não deve tomar lugar da linguagem formal. A gíria

de grupo deve ser tratada com respeito, não discriminando seus falantes, pois muitas vezes não entendem o seu significado real.

Com este estudo se espera uma contribuição para a desmistificação da linguagem gíria para o público em geral, demonstrando que essa variedade deve ser considerada como importante, especialmente por, além de ser mais uma forma de comunicação, fortalecer as relações sociais e de comportamento entre os integrantes do grupo que a utiliza. Apresentando esse universo linguístico que circunda o uso da linguagem gíria, especialmente desse grupo pouco acessível – adolescentes e/ou jovens infratores – espera-se contribuir para a valorização dessa variedade linguística que, apesar de constituir-se um fenômeno imprescindível no processo natural de renovação da língua, ainda é, por muitos, estigmatizada.

Em suma, entende-se que ainda há muito a ser pesquisado a respeito da gíria de grupos restritos e, em razão disso, outros estudos fazem-se necessários, inclusive, com novos olhares acerca desse objeto em particular, por vezes pouco valorizado em estudos linguísticos. Espera-se que este estudo venha contribuir para um novo olhar sobre essa variedade linguística, de forma a valorizá-la, não só entre os estudiosos da linguagem, mas também junto ao público em geral.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 37ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da criança e do adolescente*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2000. (1990).

CABELLO, Ana R. G. *Linguagens especiais: realidade linguística operante*. UniLetras, v.24, 2002. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/242/238. Acesso em 10 Abril de 2017.

OLIVEIRA, M. L. T.. *A gíria dos internos da FEBEM*. Dissertação de Mestrado. PUCSP. São Paulo, 2006.

PRETI, D. F., *A Gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984a.

PRETI, D. F. *Dicionários de Gíria*. In: Revista ALFA, nº 44. UNESP. São Paulo, 2000.

_____. *O Vocabulário oral popular: a gíria*. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, D. F. *O léxico na linguagem popular: a gíria*. 2007. Disponível em

<https://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/02.pdf>. Acesso em Março de 2017.

REMENCHE, M. L. R.. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. Dissertação de Mestrado. UEL. Londrina, 2003.

SILVA, Maria Edileuza Tavares. *Os sentidos da liberdade. O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa*. Araraquara, 2008.